

Influência do Grupo de Colegas e do Grupo de Pares nos adolescentes

Delfina da Conceição Camacho Barrocas Sebastião

Clara Ribeiro Silva¹

Introdução

O objectivo fundamental desta investigação, foi analisar de uma forma restrita algumas noções relativas à influência das relações interpessoais do grupo de colegas e de pares, no desenvolvimento pessoal, psicológico e social dos adolescentes. Independentemente de quaisquer indivíduos possuírem e sentirem a pressão dos colegas, julgou-se que o período mais crítico de conflitos entre a família e o grupo de colegas é passado durante a adolescência.

As relações no seio do grupo de colegas e amigos, juntamente com a família e a escola são os principais contextos no desenvolvimento psicológico e social dos adolescentes (Sprinthall & Collins, 2003).

Entende-se por influência social “ a modificação desencadeada nos julgamentos, opiniões e atitudes de um indivíduo pelo facto de tomar conhecimento dos de outrem (...)” (Doron & Parot, 2001, p.419).

Enquanto que o grupo de colegas é o grupo de indivíduos que frequentam a mesma actividade, ao mesmo tempo e no mesmo local, o grupo de pares vai para além dos grupos de colegas, ou seja, os adolescentes têm a mesma actividade, no mesmo local e ao mesmo tempo, mas também interagem fora do local da actividade. São tradicionalmente apelidados de grupo de amigos (Peter Blos, 1998).

Segundo Coll, Palácios e Marchesi (1995) a adolescência é uma fase de transição que, começa geralmente entre os 12 e 13 anos e vai até ao fim da segunda década da vida. É um período psicossociológico que se prolonga por vários anos, caracterizado pela transição entre a infância e a adulto. A adolescência é um período de desenvolvimento com rápidas alterações

¹ Alunos do 2º Ano do Curso de Licenciatura em Psicologia

psicológicas, sócio-culturais e cognitivas, caracterizadas por esforços para confrontar e superar os desafios e para estabelecer uma identidade e autonomia (DiClemente, Hansen & Ponton, 1996).

O processo básico do desenvolvimento do adolescente envolve modificar relações entre o indivíduo e os múltiplos níveis do contexto em que o jovem se encontra. A multiplicidade de contextos sociais e interpessoais em que os adolescentes se movem representa desafios adicionais e possibilidades acrescidas de estes virem a desenvolver problemas de ajustamento, com consequências negativas na sua saúde (Matos, 1998).

Muitos adolescentes navegam por vezes em percursos turbulentos desde a infância à fase adulta, e depois tornam-se adultos produtivos e saudáveis. Há contudo uma preocupação crescente em relação a alguns que não conseguem alcançar o seu potencial total como trabalhadores, pais e cidadãos.

De um modo geral, o trabalho realizou-se sem muitas dificuldades visto ser sobre um tema interessante e em voga, tanto do ponto de vista psicológico como social, em que o papel desempenhado pelo grupo de colegas e de pares no desenvolvimento do adolescente é fundamentalmente importante para o crescimento individual dos mesmos.

A metodologia seguida no presente estudo foi a pesquisa bibliográfica e, iniciou-se por uma abordagem sucinta aos aspectos relacionados com a aceitação e rejeição sociais, a entrada dos adolescentes nos grupos sociais, e a importância da amizade e intimidade na vida quotidiana dos mesmos. Realçou-se também a influência dos colegas e amigos no desenvolvimento individual dos adolescentes, referindo o papel fundamental da comparação social e do conformismo na influência grupal. Posteriormente, descreveu-se alguns estudos no âmbito da influência dos colegas na acção, os efeitos de similaridade entre amigos; e a ligação entre as relações da família e o grupo de pares. E por fim, abordou-se as influências dos grupos no uso de substâncias, e a conclusão abrangendo sucintamente os aspectos mais relevantes deste estudo.

A Aceitação e Rejeição Sociais

A adolescência é um marco crucial de transformações e influências proporcionado pelo alargamento de contactos sociais, em que os adolescentes passam a conviver mais com colegas da mesma idade do que com adultos. Embora, seja difícil prever quais os factores que dão origem a um bom relacionamento entre o adolescente e seus colegas existem, de uma maneira geral, características que influenciam a aceitação e a rejeição social na adolescência.

Apesar de não se conseguir especificar exactamente quais as normas seguras do êxito social, aparentemente existe um conjunto implícito de normas de avaliação para a aceitação de um indivíduo no grupo. Por um lado, são normas que envolvem a “atração física e certos padrões de comportamento que demonstram amizade, sociabilidade e competência”. E por outro lado, as situações de rejeição estão associadas às “atitudes desviantes e a comportamentos negativos” (Sprinthall & Collins, 2003, p.359). Um dos mais antigos métodos para analisar as preferências existentes entre os membros de um grupo em relação aos demais membros do mesmo grupo foi o método idealizado por J. L. Moreno conhecido por *sociograma*. Foi um processo que permitiu medir as preferências de escolha ou rejeição de uma pessoa do grupo por parte de outra (Rodrigues, 1998).

Alguns estudos preconizaram que os adolescentes tinham maior probabilidade de serem aceites socialmente quanto maiores fossem as capacidades de compreensão interpessoal.

Quanto maior fosse a aptidão para a compreensão interpessoal dos adolescentes, mais probabilidades teriam de ser socialmente aceites. As interacções frequentes e bem sucedidas com os colegas, a *amistosidade*, sociabilidade e competência no relacionamento com os colegas podiam ser outros factores importantes para serem socialmente aceites (Cordeiro, 1997). O processo básico do desenvolvimento do adolescente envolve modificar relações entre o indivíduo e os múltiplos níveis de contexto em que o jovem se encontra (Lerner, 1998). Verifica-se assim, que o envolvimento activo no relacionamento com os outros é fundamental para o processo de construção e estabelecimento de uma identidade e autonomia (DiClemente, Hansen & Ponton, 1996; Soares e Campos, 1985). O adolescente pode ser aceite e não ser

popular. Segundo Sprinthall e Collins (2003, p. 360) “a popularidade refere-se ao grau em que alguém é activamente procurado pelos outros, enquanto que a aceitação diz respeito à circunstância (...) de possuir características que são consistentes com as dos membros de determinado grupo, fazendo assim parte dele”. De acordo com um estudo realizado junto da população adolescente, chegou-se à conclusão de que os aspectos fundamentais para que um adolescente fosse considerado popular estavam associados, ao “sucesso como atletas”, pertença ao “grupo liderante”, “ser um líder em certas actividades, obter boas notas e, possuir um carro bonito”.

Apesar de nenhum dos sexos considerar a família importante para a obtenção de popularidade, as raparigas argumentaram que “pertencer à família certa”, talvez tivesse algum poder de influência. Contudo, os rapazes afirmaram que o facto de “serem estrelas do desporto” era o aspecto essencial para ser popular, enquanto para as raparigas era o serem “estudantes brilhantes. Em suma, com base nesta investigação, concluiu-se que a percepção da popularidade influenciava fortemente os valores dos adolescentes em relação à escola. (Sprinthall & Collins, 2003, p.361).

Os Adolescentes nos Grupos

É normal a entrada de um adolescente num grupo, apesar das regras de entrada serem bastante confusas se o grupo for um grupo de colegas e não um grupo institucional. Verificou-se que os grupos dos adolescentes são melhor definidos e mais estruturados do que os instáveis arranjos grupais da infância. Enquanto que os grupos constituídos por crianças são formados com o objectivo de brincarem ou participarem juntos em actividades momentâneas, os grupos de adolescentes são constituídos com bases mais estáveis (Cordeiro, 1997).

No período da adolescência, os grupos atingem rapidamente uma estrutura nítida, que engloba certas regras para a obtenção de um estatuto no seu seio e exigem determinados comportamentos dos seus membros, para que estes possam continuar a pertencer ao grupo.

Por exemplo, a atracção física pareceu ser um determinante importante no estatuto social do adolescente. No entanto, o factor mais comum foi a

eficiência com que os membros do grupo foram capazes de tomar iniciativas quanto à realização de actividades conjuntas. Os elementos que demonstraram ter esta capacidade tinham o poder no grupo, e para os adolescentes isso era muito importante. Independentemente da idade dos indivíduos, os grupos tendem a tornar-se fechados e a estabelecer regras importantes e implícitas em relação ao comportamento intra e extra grupal. No princípio da adolescência, os grupos têm uma maior tendência para se tornarem quase tirânicos no que diz respeito à obediência das regras comportamentais estabelecidas pelos seus elementos (Sprinthall & Collins, 2003).

A Importância das Interações de Amizade

Observou-se que na adolescência os valores dos amigos são muitas vezes mais imperativos do que os valores dos grupos familiares. É nesta fase que os amigos se tornam fundamentais para o desenvolvimento do adolescente. O termo *amizade* significa “possuir relações pessoais próximas nas quais existe uma apreciação e valorização mútuas” (Sprinthall & Collins, 2003, p.365), e deste modo, os principais grupos de referência para os adolescentes são os grupos de pares que alternam com a família (Claes, 1985; Coleman, 1985; Lutte, 1988; Schaffer, 1994). As referências parentais foram seguidas pelos jovens, relativamente a valores culturais estáveis e em decisões que implicavam consequências a longo prazo, como por exemplo valores socio-económicos, religião, adesão política e hábitos de consumo. As referências do grupo de pares, foram tomadas em consideração na realização de comportamentos relacionados com valores culturais e sociais mutáveis e, com consequências imediatas, como por exemplo, preferências musicais, linguagem, modelos de interacção individuais e sexuais (Claes, 1985; Lutte, 1988).

De uma forma geral a influência dos pais salientou-se nas decisões relativas a necessidades, nomeadamente em termos de identidade e status (Claes, 1985; Shaffer, 1994). Lutte (1988, p. 204) salientou ainda que em muitos casos a influência dos pais e dos amigos convergiu e reforçou-se mutuamente: “as normas, os valores, a estrutura dos grupos de jovens estão em grande parte condicionadas pela cultura ou subcultura dos adultos, de onde eles derivam”.

O grupo de pares foi considerado mais importante durante a adolescência do que em qualquer outro estágio do desenvolvimento. Nesta fase o adolescente procura incessantemente a independência, e deste modo para atingir o seu objectivo necessita de quebrar a ligação extrema que tem com os pais e a família. Os relacionamentos com os pares são o protótipo dos relacionamentos adultos maduros, e assim servem como um campo de provas para o desenvolvimento de habilidades sociais adultas. É nesta altura que o adolescente necessita de um confidente com quem possa falar a respeito das experiências que teve. Contudo, embora em um estado fluido de mudança, o adolescente ainda procura estabilidade e, o grupo de pares pode atender a esta necessidade (Faw, 1981).

O grupo de amigos desempenha funções muitas vezes paralelas às dos pais, na medida em que os laços específicos de amizade são convertidos em autênticas relações de apego. Foram muitas as razões encontradas para este tipo de relacionamento, nomeadamente em situações de ansiedade. O amigo funcionava como base de consolo ou, quando o ambiente era novo, a presença dessa figura de apego também facilitava o intercâmbio verbal e a exploração física com o meio em que se encontrava (Coll, Palácios & Marchesi, 1993). Na adolescência, o comportamento dos amigos entre si é diferente em relação àqueles que não são seus amigos.

Os adolescentes têm tendência a compartilhar os segredos com os amigos, a serem mais empáticos, menos competitivos e, de uma maneira geral a comportarem-se de uma forma mais equitativa em relação a eles do que aos outros adolescentes. Segundo Sprinthall e Collins (2003), apesar dos interesses comuns constituírem um factor importante no estabelecimento de amizades, quer a nível da escolha dos amigos, quer a nível das influências recíprocas, a maior parte dos estudos preconizou que as amizades dos adolescentes não foram necessariamente baseadas nas semelhanças a nível da inteligência ou do rendimento escolar, nem no facto de em termos sociais não serem igualmente activos.

A Importância da Intimidade

Os rapazes desenvolvem a intimidade interpessoal mais depressa e mais tarde do que as raparigas, colocam menos ênfase nos componentes afectivos da amizade e maior destaque no alcance de objectivos. Para os adolescentes a intimidade é a parte fulcral da amizade, e o acto de partilhar é a base para a interdependência emocional esperada pelos mesmos. Para Erik Erikson (citado por Sprinthall & Collins, 2003), a intimidade nos adolescentes era fundamental para que o indivíduo conseguisse participar em relações de partilha com os outros, sem se sentir excessivamente vulnerável em termos pessoais. Considerava que era na pré-adolescência e adolescência que os indivíduos se desenvolviam psicologicamente, através da partilha de pensamentos e sentimentos com as pessoas que tinham algo em comum e se preparavam para posteriores relações de partilha, ao longo da vida. Contudo, as amizades profundas na adolescência podem dar origem quer a dificuldades, quer a aspectos positivos, visto existir uma maior probabilidade de levarem os jovens a envolverem-se em experiências interpessoais, as quais tanto podem ser gratificantes, como penalizadoras. Os adolescentes podem sentir-se extremamente vulneráveis quando traídos, uma vez que a amizade pressupõe lealdade, fidelidade e respeito pela confiança mútua. Enquanto que na infância, o partilhar talvez não englobe senão as actividades comuns, na transição para a adolescência esta atitude começa a envolver dimensões muito mais pessoais. Em suma, para os adolescentes, a intimidade faz parte daquilo que consideram amizade. Sullivan (citado por Sprinthall & Collins, 2003), defende que a amizade na pré-adolescência e na adolescência serve para satisfazer uma necessidade psicológica básica: a necessidade de vencer a solidão.

De acordo com Sullivan, ao ultrapassarem a solidão pelo estabelecimento de amizades próximas com os colegas do mesmo sexo, os jovens desenvolvem uma capacidade psicológica que lhes permite alcançar a intimidade.

A Amizade e o Conceito de Outro

Na abordagem de Selman (citado por Sprinthall & Collins, 2003), foi realçado o facto das crianças mais novas possuírem concepções bastante egocêntricas, ou auto-centradas, sobre os indivíduos e sobre as atitudes que estes revelam. À medida que se vão aproximando da adolescência, desenvolvem conceitos mais complexos de si próprios na relação com os outros.

Os adolescentes, reconhecem que o seu ponto de vista talvez seja único e que cada indivíduo tem perspectivas específicas. Têm a capacidade de percepção de como conseguem influenciar os outros, e concomitantemente, como são influenciados pelos outros. A capacidade de compreensão das relações interpessoais pelos adolescentes está relacionada quer com o desenvolvimento cognitivo, quer com o estatuto que os adolescentes assumem perante os colegas. Algumas investigações têm defendido que um relacionamento mais satisfatório com os colegas pode ser derivado de um desenvolvimento mais complexo das capacidades sócio-cognitivas, ou então, que as interações sociais positivas e frequentes possam estimular a maturação sócio-cognitiva. Em suma, concluiu-se que “o desenvolvimento da capacidade para estabelecer empatia com os outros está intimamente ligado às interações com os colegas, durante a adolescência” (Sprinthall & Collins, 2003, p. 373).

A Influência dos Colegas e Amigos no Desenvolvimento Individual

De uma maneira geral, tanto os amigos como os colegas são extremamente importantes para o desenvolvimento normal dos adolescentes. Estes procuram incessantemente estabelecer e ter êxito nas suas relações interpessoais, de modo a pertencerem a um determinado grupo de colegas. De acordo com Sprinthall e Collins (2003, p. 374) “a qualidade das relações entre colegas, na infância e na adolescência, constitui um dos precursores de um bom ajustamento na vida adulta”. Estes autores chegaram à conclusão, de que a delinquência entre os adolescentes e jovens adultos, estava associada

a um débil relacionamento com os colegas na infância. De certa maneira, considerou-se que o estabelecimento de pobres relações entre os adolescentes, era uma possibilidade de previsão para problemas futuros na vida adulta, nomeadamente em termos de comportamentos, problemas profissionais e perturbações a nível conjugal e sexual.

De acordo com um outro autor (Faw, 1981) a melhor maneira de prever o comportamento delinquente era estudar o relacionamento do adolescente com os pais. Argumentou que os adolescentes que se identificavam com os pais, sentiam-se livres para confrontá-los com as frustrações da adolescência, e acreditava que os que eram emocionalmente apoiados pelos pais tinham menos probabilidade de se dedicarem à actividade delinquente do que aqueles que não tinham relacionamentos parentais positivos. Neste sentido, foram identificadas duas formas de delinquência. A *delinquência individual* que “resulta da incapacidade do indivíduo de enfrentar as exigências sociais e dos seus relacionamentos com os outros” (Faw, 1981, p.289). Esta forma de delinquência era causada pela socialização inadequada do indivíduo, sendo muitas vezes difícil reabilitar os adolescentes que manifestam este tipo de delinquência. A outra forma de delinquência refere-se à *delinquência social*, que “resulta de um indivíduo ser socializado dentro de um grupo cujas normas sociais sancionam e encorajam a delinquência” (Faw, 1981, p. 289). Contrariamente à forma anterior, estes adolescentes eram capazes de enfrentar efectivamente um certo sistema social, sendo receptivos à reabilitação que substituíra o seu antigo grupo social por uma nova ordem social com a qual se identificavam.

Sprinthall e Collins (2003) verificaram também, que os adolescentes que tinham tendência para o isolamento ou para manifestarem comportamentos agressivos, possuíam menos amigos, eram menos apoiados pelos amigos e que as suas concepções sobre amizade eram menos elaboradas. Eram indivíduos que deveriam ser alvo de intervenção urgente, uma vez que tinham fortes indicadores de previsão do aparecimento de certos padrões de comportamento problemático para a vida adulta. E por outro lado, constatou-se que os indivíduos que tinham um bom grupo de colegas na adolescência, tinham uma maior probabilidade de desenvolverem condições positivas para a sua vida futura, nomeadamente no desenvolvimento do auto-conceito positivo,

comportamentos escolares adequados, assim como uma boa competência acadêmica.

Erick Erickson citado por Sprinthall e Collins (2003) considerou que as relações estabelecidas no meio do grupo eram essenciais no processo de formação da identidade. De acordo com o autor, era necessário atravessar uma moratória psicológica, ou seja, um período em que o adolescente se afastava dos papéis e das responsabilidades da vida adulta, durante o qual poderia tentar desempenhar diferentes papéis e estabelecer uma série diversificada de relacionamentos. Nesta linha de ideias, argumentou-se que a capacidade para estabelecer relações interpessoais, o desenvolvimento do controlo social, a aquisição dos valores sociais e a sexualidade dependiam fundamentalmente das interações que eram estabelecidas com os colegas e com os amigos.

Dois Processos de Influência: Comparação Social e Conformidade

O desenvolvimento individual dos adolescentes é particularmente susceptível às influências dos amigos e dos companheiros. Segundo Sprinthall e Collins (2003, p. 376) estas influências podiam ser, por um lado, *influências informativas*, na medida em que os “colegas funcionam como fontes de conhecimento acerca dos padrões comportamentais, atitudes, valores e consequências dos mesmos em diferentes situações”; e por outro lado *influências normativas*, em que existia uma pressão social, sobre o adolescente por parte dos colegas, para se comportar segundo os padrões seguidos pelos outros elementos do grupo a que pertencem. Este tipo de influências é fundamental para o desenvolvimento de aquisições de *identidade* do adolescente, enquanto membro de um grupo social. No entanto, existem dois processos sócio-psicológicos importantes para uma melhor compreensão da influência que os colegas têm sobre os adolescentes, os quais se designam por *comparação social* e por *conformidade*. Estes processos contribuem particularmente para as *influências informativas* e *normativas* dos colegas.

Uma das razões apontadas para a grande importância atribuída pelos adolescentes aos amigos estava ligada à capacidade dos mesmos poderem fazer *comparações sociais* do seu próprio comportamento e de partilhar

ideias com as dos outros indivíduos da mesma idade e posição social. Este processo de comparação tem um impacto poderoso, pois permite ao adolescente fazer a sua própria auto-avaliação, tomar a consciência do eu, dos outros e dos sistemas sociais dentro do contexto em que o indivíduo se encontra. De acordo com Sprinthall e Collins (2003) a comparação social apesar de ser um processo neutro, pode ter implicações tanto positivas como negativas em termos cognitivos e sociais. Quando a comparação tem efeitos salutareos, pode contribuir para um aumento do nível de auto-estima, de auto confiança, ser um meio para melhorar a auto-imagem e, conduzir a um reconhecimento social. De forma inversa a comparação social também pode conduzir a resultados negativos, como por exemplo, na *influência normativa* derivada da *comparação social*, quando a mudança do comportamento de um adolescente ocorre de acordo com as normas do grupo e prejudica gravemente o seu desenvolvimento psicossocial. Em relação à *influência informativa*, esta pode acontecer se por exemplo, o indivíduo alterar o seu comportamento após receber informações benéficas ou não sobre o mesmo. Contudo, concluiu-se que as consequências da comparação social dependiam não apenas do processo, mas também das acções desencadeadas e efectuadas pelos adolescentes, que podiam ser gratificantes e conduzir à mudança e melhoramento do seu comportamento interpessoal. O início da adolescência foi considerado a idade da maior conformidade entre os grupos de pares (Faw, 1981).

Cerclée e Somat (s.d., p. 135) definiram *conformidade* “como a modificação do comportamento e/ou atitude de um indivíduo para o ou [sic] os pôr em harmonia com o comportamento e/ou atitude de uma maioria constituída por um grupo”. A conformidade nem sempre envolve uma comparação social, e preconizou-se que existe conformismo quando um sujeito aceita um determinado “comportamento que uma norma dominante privilegia e impõe implicitamente” (Cerclée & Somat, s.d., p. 135). De facto todas as pessoas apresentam uma certa conformidade e os adolescentes podem apresentar o mesmo comportamento dos indivíduos que os rodeiam, devido ao facto de terem sido ensinados a comportarem-se dessa forma. Contudo, de acordo com alguns dados científicos chegou-se à conclusão de que a adolescência é tida como um período forte de tendências para a conformidade (Sprinthall & Collins, 2003). Considerou-se que há factores susceptíveis de conduzir

um indivíduo a ceder à pressão de um grupo. O paradigma experimental de Solomon Asch (citado por Vala & Monteiro, 1993) demonstrou que a maioria pode em certas circunstâncias ter influência numa minoria, mesmo em situações que representem julgamentos erróneos. Ou seja, mesmo em situações em que o julgamento de um certo fenómeno não seja ambíguo, e mesmo que não haja quaisquer pressões explícitas, concluiu-se que os sujeitos optavam por escolher a resposta errada, com o intuito de se conformarem com o grupo maioritário. De acordo com estes resultados, procurou-se conhecer quais os factores que influenciavam a conformidade. Após procedimentos experimentais, Asch, verificou que a quebra da unanimidade na maioria é um factor decisivo e suficiente para a diminuição do conformismo em relação ao grupo maioritário, e indicou um aumento do conformismo até a uma maioria de três cúmplices. Por outro lado Goldberg (1954) citado e por Cerclé e Somat (s.d.) argumenta que a dimensão da maioria não é suficiente para explicar o conformismo. Concluiu-se, ainda que a influência da maioria era passível de sentir-se circunstancialmente diferente em público e em privado, e que as variáveis que afectam numa das situações podem não afectar na outra (Vala & Monteiro, 1993).

Philip Costanzo, (citado por Sprinthall & Collins, 2003, p. 382) aplicou o método de Asch a “590 indivíduos do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 7 e os 21 anos” e concluiu que a percentagem mais elevada para o conformismo ocorria na adolescência.

Argumentou que as respostas podiam ser influenciadas “pelas transformações, a nível do raciocínio e do pensamento” e, no facto de prestarem atenção ao que os outros podiam pensar deles. Concluiu que a conformidade, mesmo em situações de julgamentos errados, evitava a centralização de atenções por parte dos outros. De acordo com os dados obtidos neste estudo, chegou-se à conclusão que os adolescentes são fortemente susceptíveis a influências externas.

Contudo, notou-se também poder haver uma certa predisposição por parte de alguns adolescentes em relação à maior ou menor aderência à conformidade. Apurou-se que a falta ou não de competência para o desempenho de uma determinada tarefa poderia influenciar, de certa maneira, o grau de conformidade e, proporcionar o seguimento das orientações comportamentais dos outros. Concluiu-se que a conformidade estava igualmente associada ao

estatuto que o adolescente ocupava dentro do grupo, e deste modo verificou-se que por um lado, os líderes dos grupos eram menos conformistas devido à auto-confiança, em detrimento dos que ocupavam posições inferiores que manifestavam uma diminuição na auto-estima. E por outro lado, os que tinham um estatuto médio procuravam o conformismo com o grupo de maneira a obter com essa atitude uma melhoria de estatuto. Faw (1981) argumentou que os líderes dos grupos de pares adolescentes eram os que se sentiam mais autoconfiantes, e com essa confiança, eram capazes de influenciar os outros, fazendo-os sentirem-se aceitáveis e integrados. Os líderes também tendiam a ser indivíduos mais inteligentes, e com mais êxito na escola. Os que tinham falta de autoconfiança não eram escolhidos como líderes, nem eram identificados como populares no grupo de pares. Esta falta de autoconfiança podia ser demonstrada por afastamento da vida social (isolamento social), ou então, por excesso de agressividade ou comportamentos para captar a atenção dos outros.

Sprinthal e Collins (2003, p.384) argumentaram “que as inferências feitas pelos adolescentes, acerca das implicações e das consequências da conformidade, afectam o seu comportamento a esse nível”, e que “(...) as capacidades sócio-cognitivas, incluindo a comparação que fazem entre as características das outras pessoas e as sua próprias, influenciam o grau de conformidade dos adolescentes”. Alguns estudos desenvolvidos chegaram à conclusão da existência de uma ligação entre as capacidades cognitivas que facilitam a compreensão do adolescente e dos outros e a tendência para a conformidade.

Segundo Faw (1981) os indivíduos autoconfiantes, autónomos que estabeleceram um senso de identidade, têm uma tendência para se conformarem menos com os seus pares do que aqueles que não conseguiram tais características. Em suma, tendencialmente os adolescentes mais predispostos à obtenção de aprovação por parte dos outros, foram considerados os mais conformistas, permitindo estabelecer assim, uma associação significativa entre o juízo moral e a conformidade. Em relação aos menos conformistas, apresentavam uma certa orientação para princípios sociais mais gerais do que simplesmente para a obtenção de aprovação por parte das outras pessoas.

Desenvolvimento Moral e Valores

Com o advento da adolescência, os valores morais são submetidos a várias influências e mudanças. Nesta fase os valores e conceitos morais tornam-se menos egocêntricos, mais abstractos, enfocam mais o que o adolescente deve fazer em relação ao que está certo e justo, e enfocam menos o que é errado e o que não deve ser feito. Os julgamentos morais tornam-se mais cognitivos, em que os adolescentes se inclinam à análise da sociedade e ao estabelecimento dos códigos morais pessoais. Em consequência do potencial para apreciar conflitos morais, os julgamentos morais produzem mais tensões sociais e ansiedades psicológicas (Faw, 1981).

Os adolescentes tendem a conceitualizar o mundo como este possivelmente poderia ser e a sentirem-se frustrados pela incongruência desse ideal. Esta frustração é estimulada pelos seus relacionamentos com os outros, particularmente com os pais, com as instituições da sociedade com quem entram em contacto, com os seus grupos sociais e particularmente com a escola.

Influência dos Colegas na Acção: Os Efeitos da Similaridade Entre Amigos

A socióloga Denise Kandel, citado por Sprinthall e Collins (2003) fez um estudo em adolescentes que frequentavam escolas urbanas e suburbanas de Nova Iorque, sobre a influência dos colegas e dos efeitos da similaridade entre amigos. O objectivo consistia em compreender a natureza e os efeitos das relações entre colegas. Assim sendo, Kandel chegou à conclusão de que as maiores semelhanças entre amigos diziam respeito ao ano de escolaridade, ao sexo, à raça e à idade. Características como a religião e o meio sócio-económico assumiram uma importância muito menor. Concluiu que os amigos não eram tão parecidos uns com os outros como seria de esperar em certas actividades e comportamentos mas eram bastante semelhantes em relação ao consumo ou não de drogas ilícitas.

Kandel argumentou que os amigos se influenciam mutuamente à medida que o tempo passa. Os que tinham permanecido amigos eram mais parecidos

no fim do tempo de experimentação do que no início; os que se tinham tornado amigos durante o ano lectivo eram mais semelhantes um ao outro no fim do estudo do que no início quando ainda não eram amigos.

A Família e as Relações no Grupo de Pares: Ligações Entre Dois Mundos

A família poderá ser considerada como particularmente importante no desenvolvimento moral e social do adolescente, e os modelos afectivos e de interacção que os pais utilizam para lidarem com o adolescente, influenciam de modo significativo a forma como ele aprende e se relaciona com os outros. Os modelos parentais, as expectativas e os métodos educativos determinam largamente o repertório de comportamento dos adolescentes, bem como as suas atitudes e objectivos. O relacionamento familiar, a influência dos estilos parentais e da comunicação familiar, apesar de sofrerem alterações na adolescência, continuam a desempenhar funções importantes para os adolescentes, assumindo um papel decisivo no ajustamento e desenvolvimento de competências psicossociais. Os comportamentos e estilos parentais variam e influenciam de forma diversificada o desenvolvimento de determinadas características do adolescente, o seu desenvolvimento social, cognitivo, emocional, filiação no grupo de pares e desempenho académico, podendo actuar como factor de protecção, mas também como factor de risco (Baptista, 2000). Assim, as relações positivas na família, o suporte emocional e social dos pais e um estilo de disciplina parental construtivo e consistente, tendem a estar relacionados com maiores índices de bem-estar e de ajustamento na adolescência e menor envolvimento em comportamentos de risco e em grupos de pares desviantes (Field, Diego & Sanders, 2002).

Sprinthall e Collins (2003) afirmaram existir a possibilidade da influência dos pares sobre os adolescentes proporcionar a rejeição dos valores apreendidos dos pais, em favor dos valores e comportamentos que aprendem com os seus grupos. Preconizaram que o estabelecimento de conflitos entre os valores e desejos dos pais e, aqueles que são transmitidos pelos amigos, tinha início no princípio da adolescência, altura em que os comportamentos e desejos dos colegas começavam a assumir uma crescente importância na vida

interpessoal. O sociólogo Clay Brittain citado por Sprinthall e Collins (2003) apresentou um estudo sobre a influência exercida pelos pais e, pelo grupo de pares, nos adolescentes femininos. Verificou que não havia necessariamente nenhuma prevalência de cada uma das partes na influência nos adolescentes femininos, mas que existia uma tendência destes em utilizar essas influências para diferentes domínios da vida pessoal. Enquanto que a influência dos pares era notória em problemas ligados ao estatuto dentro do grupo dos mesmos, os pais influenciavam mais nas decisões pessoais, julgamentos morais e éticos, e também nas questões relacionadas com a reputação e a posição das raparigas na família e na comunidade. Contrariamente à crença popular de que os adolescentes são indefesamente influenciados pelos outros, o facto é que na maioria dos casos, utilizam essas informações vindas de direcções opostas de formas distintas, em seu benefício próprio.

Influências no Uso de Substâncias

Segundo Carvalho (1990), a maioria dos estudos realizados na área dos consumos na fase da adolescência referem que o álcool é a substância mais utilizada pelos adolescentes.

Examinou-se ainda, a importância dos modelos da influência dos pares e, concluiu-se que por um lado, os jovens adolescentes cujos amigos consumiam álcool apresentavam maior probabilidade de se envolverem nesse comportamento e, por outro lado, os adolescentes procuravam amigos cujo comportamento de beber fosse similar ao seu.

A iniciação no hábito de fumar dos adolescentes está associada a vários factores pessoais e sociais. Relativamente aos factores pessoais, pode-se incluir todos os que dizem respeito ao micro-ambiente do adolescente, ou seja, todos os que se relacionam com a sua individualidade e o seu meio social imediato, tal como a família, amigos e professores. Os factores sociais são os que pertencem ao macro-ambiente e que se relacionam com a influência da comunidade num sentido mais alargado, tal como, a aceitabilidade social do hábito de fumar, a sua acessibilidade e publicidade ao tabaco (Lima, 1999).

Contudo, de acordo com uma outra investigação sobre as influências da família e do grupo de pares no consumo do tabaco, chegou-se à conclusão de

que há uma forte tendência por parte dos adolescentes em aderir ao hábito de fumar se os pais expressarem atitudes positivas e comportamentos semelhantes. No entanto, embora a influência dos pais não sofra uma diminuição, parece que a influência dos pares em certos casos é superior. Desta forma, para que haja qualquer tipo de modificação nestes hábitos, é necessário envolver não só a família como o grupo em que o adolescente está inserido.

Segundo DiClemente, Hansen e Ponton (1996) o consumo de drogas durante a adolescência está associado com a pertença a um grupo com comportamentos de risco para a saúde, e que existe uma maior probabilidade do jovem estar envolvido em comportamentos de risco quando a vinculação entre o adolescente e a sua família ou ambiente escolar é fraco.

Conclusão

A influência dos grupos de colegas e de pares constitui um dos factores principais no desenvolvimento das características pessoais e sociais dos adolescentes, e consequentemente na sua projecção para a vida futura.

A família, por seu lado contribui também para o seu desenvolvimento, embora no período da adolescência haja um maior predomínio de influências por parte do grupo de colegas e dos amigos.

De um modo geral, concluiu-se que as relações interpessoais com o grupo de amigos e de pares são importantes elementos de previsão de comportamentos para a vida adulta, e que o estabelecimento de relações pobres na adolescência pode conduzir a problemas comportamentais desviantes, nomeadamente problemas profissionais, perturbações a nível conjugal e sexual.

Contudo, verificou-se que grande parte dos adolescentes tem consciência do risco e do perigo em que estão envolvidos ao praticarem determinados comportamentos, nomeadamente no uso de substâncias, mas preferem ignorá-los, devido ao facto de darem mais valor a outras consequências psicossociais inerentes a esses comportamentos. É necessário compreender e dar mais atenção ao crescimento e à promoção de comportamentos positivos nos relacionamentos interpessoais.

Em conclusão, se o adolescente conseguir estabelecer um relacionamento gratificante com o grupo de colegas e pares tem fortes probabilidades de se tornar adulto bem ajustado e sucedido na sociedade.

Referências Bibliográficas

- Baptista, A. (2000). *Perturbações do medo e da ansiedade - uma perspectiva evolutiva e desenvolvimental*. Lisboa: Quarteto Editora
- Carvalho, J. (1990). *Comportamentos desviantes*. Lisboa: Universidade Aberta
- Cerclé, A. & Somat A. (s.d.). *Manual de psicologia social*. Lisboa: Instituto Piaget
- Claes, M. (1985). *Os problemas da adolescência*. Lisboa: Verbo
- Coleman, J. C. (1985) *Psicologia de la adolescencia*. Madrid: Morata
- Coll, C., Palácios, & Marchesi, Á. (orgs.) (1995) *Desenvolvimento psicológico e educação – psicologia evolutiva*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Cordeiro, M. (1997). *Dos 10 aos 15 – Adolescentes e Adolescência*. (1º volume). Lisboa: Quatro Margens Editora
- DiClemente, R., Hansen, W., & Ponton, L. (Eds). (1996). *Handbook of adolescent health risk behaviour*. New York: Plenum Press
- Doron, R. & Parot, F. (2001). *Dicionário de psicologia* (1ª Edição). Lisboa: Climepsi Editores.
- Faw, T. (1981). *Psicologia do desenvolvimento – infância e adolescência*. (Auriphebo Berrance Simões, trad.). São Paulo: McGraw-Hill do Brasil
- Field, T., Diego, M., & Sanders, C. (2002). Adolescents' parents and peer relationship. *Adolescence*, nº 37, pgs. 121-129
- Lerner, R. (1998). *Adolescent development*. Retirado a 02 de Dezembro de 2005 da World Wide Web: psych.annualreviews.org.
- Lima, L. (1999). *A prevenção do tabagismo na adolescência*. Lisboa: Edições FMH
- Lutte, G. (1988). *Libérer l'adolescence*. Liege: Pierre Mardaga
- Matos, M. (1998). *Comunicação e gestão de conflitos na escola*. Lisboa: FMH-UTL.
- Peter Blos (1998). *Adolescência - uma interpretação psicanalítica*. Martins Fontes: S. Paulo
- Rodrigues, A. (1998). *Psicologia Social*. (17ª edição). Petrópolis: Editora Vozes
- Schaffer, D. R. (1994). *Social & personality develepment*. (3rd ed.). Cia: Brooks/Cole

- Soares, I. & Campos, B. (1985). *Dificuldades de relacionamento entre jovens e programas de desenvolvimento pessoal*. Cadernos de consulta psicológica, nº1, 151-161.
- Sprinthall, N. A., & Collins, W. A. (2003). *Psicologia do adolescente – uma abordagem desenvolvimentista*. (3ª Edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Vala, J. & Monteiro, M. B. (Coords.). (1993) *Psicologia social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Bibliografia

- Fenwick, E. & Smith, T. (1993). *Adolescência – Um valioso guia para pais e adolescentes*. Barcelos: Civilização Editora